

DA ANTEVÉSPERA AO PAIS DE ROSAMOR

Pizarro Drummond

Maura de Senna Pereira é, sem dúvida, um valor firme que veio para ficar em nossas letras.

A Driede e os Dardos, seleção de poemas de sua autoria dada à publicidade recentemente, vem reafirmar sua plena maturidade como poetisa, já atingida, aliás, desde os primeiros livros.

A atmosfera de criação e de mistério poético se afina em seus poemas com o encanto do tema e a figuração de fundo, como de forma, em admirável expressão.

Pode-se dizer que esse clima poético atinge seu ponto mais alto em *País de Rosamor*, livro agora incluído praticamente em segunda edição neste volume de *A Driede e os Dardos*, em que figura juntamente com composições de outros livros, ou seja, de *Poemas do Meio-Dia*, de *Círculo Sexto*, de antologias e de inéditos.

Driede é a ninfa dos bosques. Ela é a personagem de todas essas lendas encantadas. Os dardos, pequenas lanças com pontas de ferro, são por ela atraídos, nos seus raios de humor e emo-

ção, nessas encantamentos vividos pela poetisa.

A maior parte dos textos desses poemas está conservada na forma original, como se vê da comparação com as obras anteriores. Em alguns há porém aperfeiçoamento na respectiva apresentação, adaptação ou reformulação de títulos. Estão incluídos na coletânea também, como ficou dito, poemas novos.

E *A Driede e os Dardos* constitui uma visão de conjunto do que de melhor e de mais puro tem produzido Maura de Senna Pereira. Volto a falar de seu mais notável livro, que figura na íntegra nessa coletânea — *País de Rosamor*. Tive ocasião de proclamar, há quase quinze anos, ser *País de Rosamor* obra-prima, por certo um dos pontos altos da poesia nacional, necessitando de maior divulgação; o conceito merece ser agora reafirmado e estendido à lúcida escolha anológica feita para completar *A Driede e os Dardos*.

Fico, pois, satisfeito ao tomar contato com o reaparecimento que atende as anseios mais justos dos leitores seus.



Oliveira — "o grande criminoso"

levado para o HSA, o hospital em que filha.

Foi direto para o CTI e o chefe da equipe, Dr. Oscar Lima, não es-
tando sua revolta. — An, dizia.

— Ele está mal, não? — A mal. Isso que fi-
com o Oliveira, e que é um crime.

DIA DO AI PRA LA TRISTA

O domingo, Dia dos Papais, na residência,
Rua Chaves Farias, 219, ap. 101, a única
que não teve nenhuma alegria. Só lágrimas
ram nos rostos de Dona Helena e de
Mônica. Nem o entra e sai de vizinhos
ando inutilmente desconfortá-las, com
arrancar um sorriso. Mônica lia e re-
chete que escreve com infinita carin-
entregar ao pai no seu dia:

— Ao mais lindo dos homens, o meu pa-
to a homenagem do Dia do Papai.
agem sincera ao chefe de família que
panheiro e tem a responsabilidade de do-
er a família. A ti cabe dar o exemplo,
o árbitro supremo e se me perguntas
como eu iria te apresentar responderia,
um grande beijo, da filha reconhecida.
Quando o senhor entra em casa, pai, tudo
ria. Obrigado, pai, por tudo que o se-

Brandão, que julga o flagrante forjado e vai
provar, entre outras coisas, que lá onde Oli-
vira — ponto d-

que o resultado enco... ou seu
cliente pertence a um ponto de bicho que fica
no Caju. Em fim: colocaram o papel em seu
bolso.

Os vizinhos, os companheiros de trabalho
de Oliveira, cercam Dona Helena e Mônica
de cuidados e não deixam escondida a revol-
ta contra o Tenente Cornélio. As observações
contra o policial são muitas e outro exem-
plo de correção policial, a prisão há poucas
dias de Maria de Jesus Macedo, de 62 anos,
pelo mesmo tenente e pelo mesmo crime —
jogo do bicho — é lembrada de instante a
instante.

— Ess rapas não deve ser muito bom da
cabeça, o que ele fez com aquela senhora,
atirando-a numa cama de hospital deveria
ter servido de exemplo. Não sei se monstro
é a palavra certa para qualificá-lo.

Aparecida, uma senhora mãe de 8 filhas,
vizinha de Oliveira, fez o mesmo, ontem, jun-
tando em sua volta mais de cem pessoas. Ela
pediu que todos tivessem a coragem de falar,
de protestar contra uma prisão imbecil como
essa. Corajosa, está ameaçando assinatu-
ras para pedir ao Comando Geral da Polícia
Militar, punição para o Tenente Carlos José
Cornélio.

— Afinal, é preciso levantar a vida desse
rapaz, dar um check-up em sua cabeça, ele
não pode ser normal.

O OUTRO PRESO É SÓ VERGONHA

Oliveira não foi a única vítima do Te-
nente Cornélio. Com ele estava o pintor de
automóveis Antonio Sérgio Menezes — so-
teiro, 28 anos, Lote 15, Caxias —, trabalhando
como autônomo na Mecânica Antoniel, loca-
lizada na Rua Almirante Baltazar, 160, fun-
dos, a pouco mais de 200 metros do local em
que foi preso, juntamente com o radiologista
Oliveira.

Seu crime é o mesmo, hoje, ao que pa-
rece, mais terrível do que os muitos latro-
cínios e estupros de famílias pobres que di-